



**ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**MARIA LUCIA ALVES FEITOSA**

**(entrevista)**

**Sardenha, Itália**

**2021**

**LECCORPO-CEFIS-UNIVASF**

**ESEFID - UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Grupo de Estudos Mulheres do Futebol

**Número da entrevista:** E-69

**Entrevistada:** Maria Lucia Alves Feitosa

**Nascimento:** 24/08/1960

**Local da entrevista:** Residência da entrevistada, Sardenha - Itália (Via Zoom)

**Entrevistadoras:** Leda Maria Cozer Abreu, Juliana Ribeiro Cabral, Márcia Tafarel e Silvana Vilodre Goellner

**Data da entrevista:** 26/04/2021

**Transcrição:** Martina Burch

**Copidesque:** Pamela Siqueira Joras

**Pesquisa:** Silvana Vilodre Goellner

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 1 hora 59 minutos e 59 segundos

**Páginas Digitadas:** 27

**Observações:**

Entrevista cedida pelo *Grupo de Estudos Mulheres do Futebol*, para divulgação pelo Projeto Garimpendo Memórias em 12 de janeiro de 2024.

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: FEITOSA, Maria Lucia Alves. Entrevista concedida por Maria Lucia Alves Feitosa ao Grupo de Estudos Mulheres do Futebol. Entrevistadoras Leda Maria Cozer Abreu, Juliana Ribeiro Cabral, Márcia Tafarel e Silvana Vilodre Goellner. UNIVASF, UFRGS, SARDENHA (ITÁLIA), 26 abr. 2021, 28 p.

## **Sumário**

Iniciação no futebol; Associação Desportiva da Polícia Militar; Isis Pop; Clube Atlético Juventus; Esporte Clube Radar; Seleção Brasileira; Torneio Experimental da China; Confederação Brasileira de Futebol; Calcio italiano; Migração para Itália; Adaptação ao futebol europeu; Atuação no futebol italiano; Dificuldades da carreira; Reconhecimento; Massoterapia; Atuação como treinadora; Futebol de mulheres.

Sardenha (Itália), 26 de abril de 2021. Entrevista com Maria Lucia Alves Feitosa (M.F.) a cargo das pesquisadoras Leda Maria Cozer Abreu (L.A.), Juliana Ribeiro Cabral (J.C.), Márcia Tafarel (M.T.) e Silvana Vilodre Goellner (S.G.) para o Grupo de Estudos Mulheres do Futebol

J.C. – Boa noite, Lucia. Obrigada por aceitar nosso convite, queremos aproveitar ao máximo esse encontro. Para iniciar conte quando surgiu o futebol para você? Como aconteceu isso dentro da sua casa?

M.F. – Ju, o prazer é todo meu, muito obrigada por esse convite. Apesar que eu não te conhecer, porque nos anos 1990, eu já estava aqui na Europa, já estava na Itália, mas sempre ouvi falar muito bem de você. Agora consegui contato com todas as meninas no WhatsApp e voltei a me relacionar com pessoas que eu não tinha contato há mais de vinte anos. Isso para mim foi uma coisa maravilhosa, Deus mandou uma benção para mim, porque eu precisava muito voltar muito ao contato com o passado. Eu já estou na Europa há muitos anos, mas meu passado é aí. O meu início foi todo aí no Brasil, foi muito, muito difícil. Quando eu comecei, comecei garotinha na rua, brincando com a molecada na rua. Minha mãe não tinha dinheiro, quando ela chegava em casa me passava o chinelo, mas não tinha jeito, eu gostava do futebol, ela saía eu ia jogar com a molecada. No mesmo período a molecada me procurava porque eles achavam que eu jogava muito, no meio deles; eu jogava muito, então, eles me procuravam, pediam para a minha mãe, então, quando eu comecei foi assim. Eu sempre gostei de esporte, de qualquer esporte foi uma coisa que eu sempre gostei, mas nas minhas veias corria o futebol. Naquele período era tudo muito difícil, não tinha possibilidade de nada. A possibilidade que tinha, era você jogar escondido, assim com a molecada na rua e só. E eu tive a oportunidade, uma pessoa me viu na rua jogando, era um jogador, o Juba<sup>1</sup>, ele me viu jogando e me levou lá na ADPM, na Associação Desportiva da Polícia Militar em São Paulo. Foi assim que eu comecei, foi aí que eu comecei a ter noção de alguma coisa mesmo e era tudo muito difícil porque era muito marginalizado o futebol feminino, tinha muita discriminação. Não tinha isso que tem hoje, se tivesse no passado quando jogávamos, o pessoal daquele tempo era maravilhoso o futebol feminino não era como era esse, entendeu? Tem muitas coisas também que eles mostram do futebol feminino,

---

<sup>1</sup> Nome sujeito a confirmação.

mas que na realidade é outra. Eu falo assim porque trabalho também com meninas e sei a realidade do futebol feminino aqui é muito marginalizado porque as federações aqui da Europa são muito machistas. Isso dificulta as pessoas apaixonadas, as pessoas que têm dinheiro, que querem investir, dificulta em querer fazer crescer o futebol feminino. Todo mundo fala, mas Europa não é tudo isso assim não, gente. As meninas têm dificuldades, tanto é que o Campeonato aqui de série A são doze times só, é uma vergonha para o futebol feminino. Eu tenho também um projeto de luta com pessoas apaixonadas como eu, para ver se muda alguma coisa, mas enquanto na federação tiver esse machismo vai ser muito difícil.

M.T. – Lucia, só retornando um pouquinho. Você falou que começou na rua, como os meninos, como a maioria das jogadoras da nossa geração. Você lembra que idade você tinha quando jogava com os meninos?

M.F. – Eu comecei pequenininha, eu sou de Recife. Meu pai se transferiu para São Paulo porque precisava estudar e lá onde eu nasci, Triunfo, em Pernambuco, era pequena a cidade e meus irmãos queriam estudar então a gente transferiu para São Paulo. Eu tinha cinco anos quando fui para São Paulo, eu não lembro de Recife, então, eu vivi praticamente minha vida em São Paulo e Rio de Janeiro.

M.T. – Você começou em Recife?

M.F. – Eu comecei assim, bem pequenininha, eu tinha cinco anos, mas lá não tinha nada mesmo, nada. Aí eu fui para São Paulo, eu tinha cinco anos e ali na escola, quando eu comecei a brincar mesmo na escola, eu tinha sete, oito anos.

M.T. – E que idade você tinha quando foi vista pelo rapaz que te levou para a ADPM?

M.F. – Eu acho que tinha uns treze, quatorze anos.

S.G. – Que ano você nasceu?

M.F. – Eu nasci em 1960.

S.G. – Então você tinha por volta de doze anos em 1972. Você falou muitas coisas, a gente vai pegar de pouquinho, porque sua história é linda e é longa. Como que era na sua família com seus irmãos, irmãs, seu pai, sua mãe, como que eles se relacionavam com o futebol?

M.F. – Na minha casa nós somos em dez filhos, só que só eu jogava futebol, o meus irmãos e minhas irmãs não jogavam. Hoje são falecidos quatro irmãos e meus pais também não tenho mais, o resto eu tenho. Quando eles me viam jogar, sobretudo meus irmãos, eles eram muito orgulhosos porque eu no meio da molecada, eu fazia a diferença e eles eram muito felizes, ficavam muito orgulhosos. A minha mãe não era de muito acordo que eu jogasse não, ela brigava muito comigo quando eu voltava pra casa, meu pai não, meu pai gostava que eu jogasse. Ele sempre me dava apoio, mas a minha mãe era terrível, minha mãe não queria que eu jogasse bola, ela falava que era coisa de homem. Se dependesse da minha mãe, ela não queria, mas não tinha jeito, era uma coisa que eu tinha dentro de mim. Nesse meio tempo, quando eles me viram jogar em times, na ADPM, ela mudou um pouquinho, mas mesmo assim ela não queria. Quando eu tive a proposta também de vir para a Itália, ela se assustou: “Filha, você vai para um país onde ninguém te conhece, vai ser difícil para você, como você vai fazer?” E eu: “Mãe, eu vou porque eu tenho que testar minhas capacidades fora do Brasil, porque aqui no Brasil eu já ganhei tudo, não tenho mais nada pra ganhar no Brasil”. Ela falou: “Filha, vai e se não der certo, volta para casa que as portas sempre estarão abertas!” E aquilo me deu uma força grande para continuar, porque no início eles eram contra, minha mãe era contra, o resto, meus irmão me apoiavam muito.

S.G. – Então a Itália é um capítulo à parte. Vamos, antes disso falar sobre o Brasil. Em que outras equipes você jogou além dessa Associação?

M.F. - No Brasil eu joguei em três times: Joguei na ADPM por muito tempo, no Isis Pop<sup>2</sup>, não sei se vocês lembram, e na Juventus, que foi meu salto de qualidade praticamente na categoria, foi ali que meu sonho começou a se realizar, no Clube Atlético Juventus. O time do Isis Pop não tinha mais nada e aí que eu fui contratada pra ir para o Juventus, foi aí que eu dei um salto de qualidade de campeonato, não era nem de campeonato porque na época não tinha, mas eles estavam investindo em futebol feminino e foi aí que eu comecei.

---

<sup>2</sup> Equipe criada em 1982 por Newton Ribeiro, proprietário das casas *Relax for Men Brût*.

M.T. – Você lembra as datas, Lucia? Por exemplo, na ADPM você começou em que ano?

M.F. – Na Juventus eu fiquei do ano 1980 a 1983. No Isis Pop eu fiquei dois anos, e os outros eu fiquei na ADPM, acho que foram oito anos na ADPM, eu não lembro as datas

M.T. – Década de 1970 então na ADPM?

M.F. – É, década de 1970. No Isis Pop eu fiquei dois anos e depois acabou porque o Newton Ribeiro não tinha mais dinheiro para continuar o time e de lá fui para o Juventus.

J.C. – Você cita que no Juventus você começa a realizar seu sonho, que você percebe: “Opa, aqui eu vou conseguir ser jogadora de futebol”. Quais as memórias que você tem dessa época do Juventus e o que te fez pensar isso?

M.F. – O que me fez pensar é que existe uma diferença organizativa. O Juventus era muito organizado, da parte de administração, de torneio, de campeonato, a parte de treinamento, de metodologia de treinamento, isso que era muito organizado. Era muito... Não parecia real a coisa, entendeu? Quando eu estava ali no Juventus treinando para campeonato, parece que não era real, era um sonho, parece que eu realizei na Juventus porque era muito organizado. Naquela época a organização era 100%, era o time mais organizado em São Paulo. Isso dentro da minha cabeça parecia um sonho, eu me beliscava: “Meu Deus, eu estou sonhando!” E não, era verdade, tanto que eu fiquei lá três ou quatro anos. Eu fui embora porque eu fui jogar no Radar<sup>3</sup> e no Radar vocês sabem como é.

L.A. – Só a questão da Juventus, você conseguia viver do futebol, você conseguia se manter só com o futebol ou você tinha uma outra atividade paralela?

M.F. – Na Juventus eu só jogava futebol, eu tinha acabado meus estudos, peguei o diploma de Administração de Empresas e não queria saber de faculdade, não queria saber de nada e mesmo para realizar o meu sonho de ser jogadora profissional. Jogadora de futebol, o meu

---

<sup>3</sup> Esporte Clube Radar.

sonho era com todos os direitos que eu tinha de treinar de receber, e o que eu tive foi lá na Juventus mesmo.

J.C. – E na Juventus você recebia, Lucia?

M.F. – Recebia, recebia. Eu nunca joguei de graça, Ju. Eu só joguei de graça na ADPM porque eu comecei e não entendia nada ainda. Eu era muito inocente, mas depois eu nunca mais joguei de graça não. No Isis Pop eu ganhava, na Juventus eu ganhava, no Radar eu ganhava.

J.C. – Como foi essa ida para o Radar, como você se transferiu? Foi convite, como aconteceu essa transferência para o Radar?

M.F. – Teve um torneio em São Caetano do Sul, eu acho, teve um Brasileiro lá e o Radar veio jogar, lá em São Paulo. Foi aí que o Eurico Lira<sup>4</sup> me viu e me chamou pra ir para o Rio de Janeiro. Ele fazia muitas viagens para fora, fazia muitas excursões, fazia muito torneio fora e era uma pessoa que tinha as melhores jogadoras, todas as melhores jogadoras que tinham naquele período ele levava para o Radar e foi assim que ele me levou para lá. A gente fez esse torneio e o Radar veio jogar, foi aí que eles me convidaram, sempre em tratativa com o Juventus porque eu também tinha uma palavra com o Juventus, eu não podia tomar a decisão sozinha, então, sempre na questão de conversar com eles, foi aí que eu me transferi para o Rio de Janeiro.

J.C. – Então nessa época você não assinava nada, todos os acordos que você fazia eram verbais?

M.F. – Isso, naquele período não tinha contrato, não tinha nada.

J.C. - E é o Radar que te leva para a seleção?

---

<sup>4</sup> Eurico Lyra Filho.



M.F. – Em 1983 eu fiz o último campeonato, porque no Juventus eu jogava futebol e futebol de salão. Depois que eu me transferi para o Rio de Janeiro foi um pouco difícil me adaptar porque Rio de Janeiro, a Ledinha sabe dizer bem, é cheio de malandragem, de sacanagem e eu pensava não ser do nível de Radar, entendeu? Eu me sentia um pouco assim, mas quando eu cheguei lá eu pensei: “Eu tenho que ver, se Eurico Lira me chamou é porque eu tenho capacidade de estar nesse time.” Era um time muito famoso, toda as jogadoras, o desejo era de estar no Radar, todas queriam estar no Radar. Então eu me senti assim, orgulhosa, porque o presidente veio falar comigo, o presidente me quis, porque se ele me chamou eu estava dentro do esquema dele, dentro dos valores que ele queria, do clube dele.

J.C. – E como que foi a sua primeira convocação, como foi esse momento de você ser convocada para a seleção?

M.F. – Naquele período a maior parte, a base da seleção brasileira era o Radar, não sei se você sabe, e quando eles falaram desse Torneio Experimental<sup>5</sup>, eu já estava lá no Radar, eu fazia parte do grupo que eles convocaram para fazer a seleção experimental, eu já estava no Rio de Janeiro.

J.C. – Na relação de jogadoras do Torneio Experimental você já aparece como jogadora de um time da Itália, não é?

M.F. – Sim, eu apareço como jogadora da Itália. Eu tenho um artigo que fala o nome de todas as jogadoras de 1988, do torneio que a gente fez lá, o Experimental. Tem a Lica<sup>6</sup> e a Simone<sup>7</sup>, as goleiras. Depois tem Flordelis,<sup>8</sup> Marcinha<sup>9</sup>, Suzana<sup>10</sup>, Fia Paulista<sup>11</sup>, Elane<sup>12</sup>,

---

<sup>5</sup> Torneio Experimental da China, realizado na em 1988.

<sup>6</sup> Vaneli Laurentino Lira da Costa.

<sup>7</sup> Simone Sueli Carneiro.

<sup>8</sup> Flordelis Santos Oliveira.

<sup>9</sup> Márcia Honório da Silva.

<sup>10</sup> Suzana Cavalheiro.

<sup>11</sup> Lucineide Bezerra Lima.

<sup>12</sup> Elane dos Santos Rego.

Marisa<sup>13</sup>, Fanta<sup>14</sup>, Roseli<sup>15</sup>, Pelezinha<sup>16</sup>, Russa<sup>17</sup>, Michael Jackson<sup>18</sup>, Suzy<sup>19</sup> (Suzy Bittencourt de Oliveira, Sandra<sup>20</sup>, Cebola<sup>21</sup> e Sissi<sup>22</sup>

J.C. – E como que surge esse convite para a Itália, porque para gente foi uma surpresa quando nos deparamos com a informação de que você foi a primeira brasileira a ser transferida para a Europa. Isso que estava na conta de uma outra jogadora e a gente se depara com uma foto onde a gente percebe que, antes dela, você já estava na fora? Como foi o contato, o que aconteceu que te levou para a Itália?

M.F. – A gente veio fazer um torneio, como eu falei para você, o Esporte Clube Radar fazia muitos torneios fora, e viemos fazer um torneio aqui na Europa, na Itália, e eu me recordo até a cidade, Tortora, que eram clubes italianos e seleções. As seleções que tinham eram seleção brasileira, a seleção da China e a seleção do Japão. E era seleção brasileira entre aspas porque era o Radar. Não era seleção, mas eles pegavam a gente como seleção brasileira, e tinha China e o Japão e tinha clubes da Itália, tipo Trani<sup>23</sup> foi o time que me viu nesse torneio, nesse Mundialito<sup>24</sup> que eu fiz. Fui eleita a segunda melhor jogadora, eu perdi para uma japonesa, a menina era fera, jogava muito, jogava de ponta direita, jogava para caramba. Eu perdi para ela, mas fui a segunda melhor do Mundialito, aí o time do Trani entrou em contato com o Eurico Lira e depois eles conversaram entre federações, eu nem sabia de nada. Eu fiquei sabendo depois que o Eurico me falou que um clube da Itália queria me levar pra lá. Depois desse torneio o Eurico me falou: “O Trani quer levar você para a Itália, o que você acha?” Eu tomei um susto parecia que não era verdade. Parecia que era um sonho, eu falei: “Não é possível, está acontecendo mesmo? É comigo? Sou eu?” Ele disse: “É você”. Eles queriam eu e a Marcinha<sup>25</sup>, mas a Marcinha não veio. Eu falei: “Tudo bem, eu vou. Quero ir

---

<sup>13</sup> Marisa Pires Nogueira.

<sup>14</sup> Rosilane Camargo Motta.

<sup>15</sup> Roseli de Belo.

<sup>16</sup> Marilza Martins da Silva.

<sup>17</sup> Marcia Matos Calaça.

<sup>18</sup> Mariléia dos Santos.

<sup>19</sup> Suzy Bittencourt de Oliveira.

<sup>20</sup> Sandra Cristina Paiva Duarte.

<sup>21</sup> Lucilene de Souza Marinho.

<sup>22</sup> Sisleide Lima do Amor.

<sup>23</sup> Trani 80 BKV.

<sup>24</sup> IV Mundialito de Clubes Campeões de Futebol Feminino.

<sup>25</sup> Márcia Honório da Silva.

sim, eu vou, eu quero ver o que essa Europa é melhor que o brasileiro.” Então ele: “Está bom.” Eles entraram em contato com as federações, eles entraram em contato o [PALAVRA INAUDÍVEL] foi aí que surgiu o primeiro contrato que eu assinei de jogadora, foi meu primeiro contrato.

M.T. – Você se lembra o ano? Esse contrato que foi feito com o Eurico? Você sabe se ele ganhou dinheiro em cima do seu contrato?

M.F. – Isso eu não sei dizer não. Eu acho que sim, como ele era, eu acho que sim. Conhecendo o Eurico, eu acho que ele ganhou dinheiro sim, Márcia.

M.T. – E o ano, você lembra?

M.F. – Eu não vi de certeza, mas eu vi o meu contrato de jogadora, mas eu tenho certeza que alguma coisa ele ganhou em cima de mim. Ele não fazia as coisas sem ter um retorno, Márcia.

M.T. – Você lembra o ano que assinou o contrato?

M.F. – Foi 1986, ou 1987 eu não me lembro. Foi 1987, o primeiro contrato.

S.G. – Você não tem nada desse período, esse contrato, registros desse campeonato? Alguma imagem, alguma reportagem?

M.F. – Eu tenho uma revista que tem todos os meus registros dentro, essa revista, eu só não sei como eu posso fazer para passar pra vocês, ali tem a história da minha vida.

S.G. – Não acredito!

M.F. – Os jogos do Radar, tem os jogos da Itália, os jogos da Seleção Brasileira, tem tudo dentro de uma revista, agora eu não sei como eu vou poder mandar para vocês... É demais o trabalho que fizeram... Esse meu amigo fez um serviço muito legal, pegou toda a minha história, porque eu tenho os jornais, eu tenho um monte de coisa, eu sai nos jornais aqui da Itália...

S.G. – Precisamos ver isso

J.C. – Que demais. O Lucia, se você pudesse se descrever como jogadora, qual descrição você faria?

M.F. – Descrição de um jogador?

M.T. – De jogadora, as suas características, Lucia. Como é que você se via como jogadora ou como é que as pessoas descreviam como você jogava. Eu, por exemplo, lembro que joguei pouquíssimo contra você, mas eu lembro e depois eu vou te falar o porquê.

M.F. – Eu me descrevo, sabe em quem? Em Zico<sup>26</sup>.

J.C. – Não, eu quero saber de Lucia Feitosa. Porque você se compara ao Zico?

M.F. – Eu me comparei ao Zico porque eu tinha o mesmo sistema de jogo que ele, eu era habilidosa, eu usava o direito e o esquerdo. De cabeça, eu era perfeita em tudo, a única coisa que eu era, era um pouco lenta, mas surgia falta e eu fazia gol. Fazia gol de escanteio, fazia gol de - como é que eu posso falar para você - todas as maneiras. O meu modo de ser mesmo jogando, eu gostava mesmo era de dar a última passagem para jogadora fazer gol, era uma coisa que eu era muito forte, no drible também, eu era tecnicamente muito forte; tecnicamente ninguém me batia não, tanto é que quando eu cheguei aqui na Europa o povo viu, que para tirar... E aqui eles gostaram muito, porque eu era muito técnica, aqui é muita força física, entendeu? Quando eu cheguei aqui era muita força física... Todo mundo se divertia e eu gostava de me divertir, eu gostava de botar embaixo das pernas, eu gostava de driblar, era o meu estilo mesmo de jogar, acho que a Márcia sabe um pouco disso daí, a Ledinha também sabe.

L.A. – Eu sei porque jogava contra. Cara, não dava: primeiro que você era mais alta, era muito nova naquela época, jogando com Radar, não dava para segurar a Lucia. Era máquina, máquina, máquina. E você está falando, tipo, do porquê que você não acreditou que você foi

---

<sup>26</sup> Arthur Antunes Coimbra.

vista pela Itália, mas a sua característica de jogo, de futebol, é toda europeia. Futebol força, técnica, habilidade que o brasileiro tem, que a brasileira tem. Estatura, você falando que subia bem de cabeça, você ganhava muito no corpo, porque você sempre foi forte, alta e forte, enfim, realmente a tua característica era realmente para jogar fora e não é à toa que você foi jogar na Itália e nunca mais voltou.

M.F. – É, eu vim e enfrentei muitas dificuldades. Como você falou, Ledinha, aqui eu arrebentei foi na técnica, porque aqui eu arrebentei mesmo, ninguém me segurava. Era muito difícil me segurar, como você falou. Ou me pegava nos braços ou me tirava a camisa ou me tirava o short, mas não roubava a bola de mim não, eu era muito forte!

L.A. – Pois é, e a gente que jogou em uma época que a gente não tinha referência e você começou a jogar antes de mim. Você tem mais idade que eu, então tipo, você para mim é a referência. Eu pensava já na minha cabeça: “Essa mulher joga demais”, enfim, a gente conseguia ter essa referência, porque nessa época a gente se comparava a um jogador masculino e você realmente tinha essa característica do Zico, de pegar a bola e ir costurando e realmente colocar na cara do gol. Gente, pelo amor de Deus [risos]. Naquela época a gente não tinha aquela coisa de vídeo, não tinha essas mídias que a gente tem hoje em dia, mas tem coisas que ficam marcadas na cabeça da gente, enfim, e a maneira que você jogava era seu mesmo, era própria, espetacular!

M.F. – Todo mundo falava isso de mim, todo mundo.

J.C. – Das jogadoras que você jogou, com quem você acha que harmonizava, que você fazia uma boa parceira em campo?

M.F. – A Marcinha. Ela era fera, a gente se entendia no olhar. No olhar a gente entendia o que a gente tinha que fazer e o que a gente não tinha que fazer, era demais.

M.T. – Sabe o que eu lembro da época do Juventus? Você jogando com a Marcinha. Eu não lembro se foi Juventus ou no Isis Pop. Eu ainda jogava no Rio Grande Do Sul, no Clube Esportivo Bento Gonçalves, e passou na televisão um jogo e eu lembro da número 8 e da

número 5. Eu fiquei assim: “Caraca, olha essa dupla, ninguém para essas meninas.” Isso foi, sei lá, em 1983.

M.F. – A gente era muito entrosada, eu passava e eu olhava para ela e ela sabia o movimento, depois ela passava olhava para mim e já sabia o movimento que tinha que fazer. Foi demais, com a Marcinha foi demais. Dez, dez!

L.A. – Lucia, aí na Itália você participou de muitos campeonatos, campeonatos na Europa... Conta um pouquinho para gente.

M.F. – Na Europa não, eu fiquei só na Itália. Fiz o campeonato de 1986, 1987, 1988, 1989, no Trani e depois eu me transferi para o Nápoli<sup>27</sup>, fiquei mais de oito anos no Nápoli, me transferi, joguei lá. Eu joguei com vários times, joguei com Turrís<sup>28</sup>, o Caserta FC<sup>29</sup> e o time de Pozzuoli<sup>30</sup>. Deixa eu ver que outro time tem lá em Napoli, meu Deus, agora eu não estou me lembrando. E depois de lá me transferi para a Sardenha, onde eu moro hoje, e aqui na Sardenha eu também joguei com vários times.

S.G. – E você parou de jogar quando, Lucia?

M.F. – Eu parei de jogar quando tinha quarenta e um anos, série B, foi 2001. Quando eu parei, aí eu comecei a fazer coisas, a fazer cursos, já que eu tinha que dar um rumo na minha vida, tinha que ver o que eu ia fazer, foi quando eu decidi fazer os cursos de treinadora. Hoje eu sou uma treinadora federada aqui, trabalho com as crianças, trabalho com as meninas da federação da região aqui e trabalho também com massoterapia que eu gosto muito do benefício no corpo, eu faço massagens.

S.G. – Como a massoterapia apareceu na tua vida, Lucia?

M.F. – Quando eu jogava eu gostava muito de fazer massagem, antes de começar o jogo e depois de terminar o jogo. Eu sempre fazia massagem, sempre, sempre, sempre, era uma

---

<sup>27</sup> Società Sportiva Calcio Napoli.

<sup>28</sup> FC Turrís Neapolis 1944.

<sup>29</sup> Casertana Football Club.

<sup>30</sup> Associazione Sportiva Dilettantistica Puteolana.

coisa que eu gostava muito, foi aí que eu comecei a me apaixonar, sabe, a me interessar. Tanto é que a minha amiga que fazia massagens em mim e no time que eu jogava me chamou pra ir fazer esses cursos, e foi aí que eu comecei, uma paixão que eu tinha e hoje eu trabalho em um resort aqui muito bonito, de luxo, faz vinte anos, onde vem só gente rica, só artista, sabe, é muito importante este resort onde eu trabalho.

J.C. – E as pessoas sabem que você foi jogadora de futebol? Você tem um reconhecimento na Itália?

M.F. – Todo mundo aqui sabe quem é a Lucia no futebol. Todo mundo, não tem uma pessoa que não sabe quem é Lucia

J.C. – Bom, conta um pouco mais de como é a Lucia Feitosa aí na Itália, as pessoas te reconhecem? Você recebe esse carinho pela história que você construiu no futebol?

M.F. – Não tem uma pessoa que não me reconhece, que fala: “Essa jogava muito, essa menina era fera quando jogava.” Até agora, mas agora não tanto, estou velha, mas ainda dou meus chutinhos na rua. Uma pessoa sabe, vê, quando uma pessoa tem habilidade ou não, independentemente da idade, eles sabem. E aqui onde eu vou, o povo sabe, o povo sabe que eu fui uma jogadora, e eles me apreciam muito porque aqui, como é que fala, tem reconhecimento desse lado.

M.T. – Você disse que trabalha com o futebol aí na Itália. Você treina meninas ou meninos? Eu queria saber primeiramente se você ainda joga com o grupo de meninas ou meninos que você treina e se eles têm essa visão de que você foi essa jogadora que é reconhecida na Itália.

M.F. – Não, aqui eles reconhecem. Antes de começar a aula, eu começo a brincar com eles, sabe, eu faço embaixadinha w eles ficam bestas, porque eu faço cinquenta, cem embaixadinhas sem cair a bola. Eles falam: “Como é que você consegue fazer isso?” “Não, não é possível, não acredito!” porque eu antes de começar o jogo com eles eu falo: “Se vocês fazem mais de vinte embaixadinhas, vocês são brasileiros, se não fazem são chineses.” Eu jogo muito desse lado e eles sabem já da minha habilidade, eles veem aí, eles falam... Mister, aqui o treinador se chama mister. Aí falam: “Mister, vamos fazer embaixadinha?” E aí eu

começo a fazer embaixadinha com eles e eles ficam doidos porque não conseguem me bater, entendeu?

J.C. – Meninos ou meninas?

M.F. – Todo os dois. Eu trabalho nas escolinhas de futebol com os meninos e no futsal com as meninas

J.C. – Lucia, eles te chamam só de mister ou é mister alguma coisa?

M.F. – Mister, só mister.

J.C. – Não é mister Feitosa, mister Lucia?

M.F. – Mister, aqui eles têm esse vício de qualquer treinador é mister para eles, às vezes chama mister Luci, porque tem muitos mister no meio, aí eles chamam, mister Luci, mas eles chamam sempre mister Luci, não tem “a” de Lucia. Aqui sou Luci.

J.C. – Muito bom, vou continuar ainda com a questão da Itália. Você não quis se envolver no trabalho com o futebol profissional de mulheres? Foi uma opção sua ou falta de oportunidade?

M.F. – Aqui na Itália é muito difícil qualquer jogadora entrar para o profissional. Não tem, não existe, porque como eu falei pra você a federação é muito machista. Agora que estão tentando fazer o reconhecimento, porque para entrar em um clube profissional é muito dinheiro que o clube tem que gastar e a maioria dos clubes daqui não gasta. Só tem três clubes daqui que fizeram, que é o Juventus<sup>31</sup>, o Milan<sup>32</sup> e o Inter<sup>33</sup>, os outros times são tudo times organizados com empreendedores que não viam a possibilidade de fazer o que o Inter, o Milan ou o Juventus fazem. É muito difícil entrar no esquema do profissional aqui, como aí no Brasil, a mesma coisa porque tem o machismo no meio.

---

<sup>31</sup> Juventus Football Club.

<sup>32</sup> Associazione Calcio Milan.

<sup>33</sup> Football Club Internazionale Milano.



J.C. – Bom, eu não sei se as meninas querem te perguntar alguma coisa em relação a isso, mas se não, eu vou retornar para questão da seleção, porque fico curiosa de saber as suas memórias em relação a seleção de 1988. O que você lembra daquele torneio experimental da China, o que você consegue nos relatar sobre aquele torneio, você fez gol naquele torneio, Lucia?

M.F. – Fiz, fiz!

J.C. – Você lembra como foi o gol?

M.F. – Deixa eu ver aqui, não, não lembro, você quer demais, Ju [risos]

J.C. – Nos conte o que você lembra do torneio?

M.F. – Foi um torneio muito... Como é que fala... Uma abertura mundial do futebol feminino, uma abertura de cabeça, de federação, de tudo, por que isso? Porque tinha a FIFA<sup>34</sup> no meio, quando está a FIFA no meio a programação é diferente, entendeu? Fez com que o torneio aquele torneio experimental fosse... Para nós já era muito estar ali, em 1988. Eu já estava na Itália quando me ligaram avisando da minha convocação eu já estava aqui na Itália quando eu fui lá para Teresópolis<sup>35</sup>, para Granja<sup>36</sup> para os treinamentos e eu vi que já tinha uma diferença de quando eu estava jogando no Brasil. Naquele período daquele torneio lá na China, parecia mesmo profissional porque os campos eram mesmo lotados, a gente para ir para o campo pegava o ônibus, tinha polícia na frente, polícia atrás, entendeu? Foi uma coisa assim, que era coisa de sonho mesmo, era coisa inacreditável que era verdade, que aquilo estava acontecendo, que a gente estava lá e quando a gente saia eles vinham pegar autógrafa, tudo uma série de coisas que eu me sentia, como é que fala, uma profissional mesmo, uma jogadora importante naquele período. Isso é uma memória que eu volto atrás e falo: “Meu Deus, meu sonho está realizado porque eu estou em um mundial defendendo as minhas cores do Brasil”. Não tinha coisa melhor no mundo que estar ali naquele momento,

---

<sup>34</sup> Fédération Internationale de Football Association.

<sup>35</sup> Município do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>36</sup> Granja Comary, o centro de treinamento da Seleção Brasileira de Futebol.

fazer parte daquele grupo, fazer parte daquele momento, foi uma coisa muito emocionante, muito emocionante mesmo.

J.C. – Lucia, esse torneio em 1988, foi experimental. Vocês foram para a China, mas ainda não tinha uma chancela, era uma coisa ainda não oficial. Você lembra se você foi convocada para 1991, porque eu na minha cabeça você tinha sido convocada em 1991 para o primeiro campeonato mundial oficial.

M.F. – Eu fui convocada, mas eu não pude ir.

J.C. – Por quê?

M.F. – Porque o clube daqui tinha concomitância com os jogos que eu tinha aqui e o clube não liberou para eu ir.

J.C. – Para ir para o Mundial, ele não te liberou?

M.F. – Não, porque eles pagavam, sabe, e aqui quando se paga é assim.

J.C. – Mas os jogadores profissionais são pagos e eles são liberados para representar o seu país.

M.F. – Eu não sei o que aconteceu naquele Mundial, eu não sei o que teve, quando foi a transgressão eu não sei te contar bem não, mas o que eu lembro era isso: o clube não autorizou

J.C. – Você não estava lesionada?

M.F. – Não, estava não. Graças a Deus eu não tive nenhuma lesão até hoje. Mas a única coisa que eu não tenho são as cartilagens nos joelhos que acabou, mas tudo bem [risos]

J.C. – Alguém ainda quer perguntar alguma coisa sobre seleção?

M.T. – Eu tenho um fato para te contar: quando eu saí do Rio Grande do Sul para jogar no Saad<sup>37</sup> em São Paulo, eu jogava no Clube Esportivo como meia. Comecei como centro avançado, daí fui para meia direita e quando eu comecei a jogar no Saad eu recebi a informação de que eu ia ter que marcar um tal número 5 do Juventus quando a gente jogasse contra o Juventus. Aí me colocaram para marcar Lucia Feitosa [risos]. Eu, uma jovem de sei lá de dezessete, dezoito anos de idade tendo que marcar Lucia Feitosa, uma das jogadoras mais completas dentro do futebol brasileiro daquela época. E eu lembro do Romeu<sup>38</sup> dizendo assim: “Você vai jogar como médio volante porque tem uma estatura parecida com a da Lucia Feitosa, você tem um chute que é parecido com a Lucia Feitosa.” Mas ele falava assim: “Parecido!” [risos] Mas quando eu vi Lucia Feitosa jogando eu falei: “É tudo muito parecido, mas é tudo muito diferente.” Esse é um fato que eu queria te falar, porque eu saí de meio direita para jogar como médio volante por causa de uma Lucia Feitosa [risos]

S.G. – Eu tenho uma pergunta: Lucia, quando você vai pra Itália você não é mais convocada para a seleção de pois de 1991. Você perdeu o contato com a CBF<sup>39</sup>, com as jogadoras, com os times daqui?

M.F. – Perdi contato com todo mundo.

S.G. – É nesse processo que você sumiu, virou uma fantasminha que a gente não conseguia achar. Te procuro há anos e foi muito difícil te encontrar, Lucia Feitosa!

M.F. – Pois é, não sei o que aconteceu, mas eu perdi contato com todo mundo. Eu perdi contato de todos, não sei o que aconteceu, mas fiquei até um pouco triste sabe, porque eu queria continuar o meu percurso que foi aqui na Europa e no Brasil. Então isso aí foi um ciclo, não sei o porquê, não sei qual o problema que teve na época, eu não sei o que aconteceu, daí sumi do Brasil. Não chegou mais convocação, não chegou mais nada para mim.

S.G. – E como você se sentiu? Você tem mágoa com relação a isso?

---

<sup>37</sup> Saad Esporte Clube.

<sup>38</sup> Romeu Carvalho de Castro.

<sup>39</sup> Confederação Brasileira de Futebol.

M.F. – Tenho, tenho muita tristeza, porque eu estou aqui na Europa, mas eu sou brasileira, e, para mim defender as minhas cores eu tenho que... Fiquei muito triste, fiquei muito magoada porque eu tinha tanto para dar ainda, eu tinha tanto para dar para a seleção, entendeu? E fui praticamente cancelada. Eu fiquei muito triste, eu fiquei muito desiludida, mas tudo bem, eles quiseram assim e assim foi. O importante que eles saibam é que a Lucia foi uma pioneira, que a Lucia participou do primeiro mundial e isso é uma coisa de orgulho para mim e para o Brasil.

S.G. – Não tenha a mínima dúvida!

M.F. – Porque eles sabem quem é... Acho que o povo aí sabe quem é, eu não preciso falar, eu demonstrei nos campos de São Paulo, do Rio de Janeiro, joguei no Brasil inteiro

S.G. – E além de tudo Lucia, você escreve uma história de que é a primeira jogadora a sair do Brasil, isso na década de 1980, de ter uma carreira consolidada e bem sucedida na Itália. Quer dizer, era para ser motivo de orgulho para você estar representando o país em outras ocasiões, então é mais uma dessas histórias lamentáveis de descasos dessas instituições que regem o futebol brasileiro.

J.C. – É isso que a gente fala, não é Silvana, como é que uma jogadora que foi jogar fora do país é esquecida dentro da organização que cuida do futebol de mulheres? Como é que não se tem essa informação? Como é que não se consegue informações de uma jogadora dessa qualidade só porque ela saiu fora do país? Infelizmente eram tempos difíceis aqueles onde tinham muitas pessoas que envolvidas com o futebol de mulheres, mas que não estavam nem aí.

M.F. – Apesar da pouca tradição o Brasil já exporta talentos. Eu tenho uma entrevista também do Globo Esporte que fizeram comigo quando eu estava para me transferir aqui para a Itália, aquela entrevista ali é maravilhosa porque conta a minha história realmente.

S.G. – Lucia, você começa a trabalhar como treinadora quando? São vinte anos já de experiência, você sempre trabalhou com adolescente? Fale um pouco sobre a Lucia treinadora

M.F. – Eu trabalho muito com as crianças, eu gosto de trabalhar com as crianças, não gosto de trabalhar com adulto não, porque as crianças têm uma aprendizagem diferente do adulto. A criança você pode crescer com as capacidades que você tem e o que você passa para elas, eles recebem, com os adultos... Eu não gosto de trabalhar com os adultos não porque os adultos... Eu trabalho com as meninas, as meninas são grandes, as meninas são meninas de dezenove, vinte anos. Trabalhar com os adultos têm mais a presunção, são muitas coisas que eles não recebem, que não dá para passar, entendeu? É o tempo de hoje, que no meu tempo não era assim. E com as crianças, eu trabalhando com as crianças é diferente, para mim dá mais satisfação, eu quando chego no campo viro criança de novo, porque trabalhar com criança é isso aí, você tem que voltar a ser criança de novo. A Tafarel sabe disso, se você não for criança ali no momento que você está com eles não tem jeito. E com os adultos é mais difícil, é mais pesado porque introduzir uma certa metodologia do que você quer mostrar, do que você quer que aprenda, é mais difícil, muito mais difícil.

J.C. – E não é isso, as crianças, os menores, eles querem aprender, querem captar as coisas e aprender. Eu trabalho com adolescentes e você passa um trabalho porque você quer fazer a parte tática, aí elas sempre te questionam. Por que a gente vai fazer isso? Por que isso? Tem muito questionamento e elas não têm essa visão: “Olha a gente está trabalhando isso.” Elas acham que é um trabalho monótono e chato, o trabalho tático.

M.F. – Por isso que eu não gosto de trabalhar com adultos.

J.C. – Elas só querem jogar [riso]

M.F. – É porque não aceitam determinadas coisas que tem que passar, porque a disciplina do esporte não é só jogar. A disciplina do esporte é outras coisas também, você é um educador, você tem que educar, a pessoa a ser disciplinada, entendeu? Tem coisas que eles não aceitam, é mais difícil, não é fácil.

J.C. – Lucia, agora só para esclarecer, nós já estamos faz mais de uma hora de entrevista e para gente é muito difícil ter o controle desse tempo, porque a gente quer conhecer ao máximo. Mas a gente entende que você tem a sua vida aí na Itália e já é tarde aí, deve ser mais de meia noite. Então vamos nos encaminhar para a reta final a nossa entrevista

M.F. – Fica tranquila, posso ficar aqui a noite inteira, não tem problema [risos]

J.C. – Que delícia, fiquei incomodada com essa história de 1991. Onde você é esquecida porque você diz. Enfim, claro que você tinha um clube, mas qual que era o seu contato no Brasil? Quando você recebe a convocação, ela chegava via clube ou você tinha contato com algum dirigente?

M.F. – Via clube.

J.C. – Tudo via clube e você não tinha contato com ninguém, com Eurico Lira, com Romeu que surgiu depois, você não tinha contato com esses caras?

M.F. – Não, não, único contato que eu tinha com o Eurico era de quando eu estava no Radar. Depois que eu vim para a Itália perdi contato dele também, ele também sumiu, desapareceu.

J.C. – Entendi, porque a convocação de 1988 acontece através do Radar, não foi?

M.F. – Sim, foi.

J.C. – Foi o último contato que você teve com Eurico Lira?

M.F. – Sim porque em 1988 a base da seleção brasileira era o Radar, com o inserimento das meninas de São Paulo, da Bahia, que era para reforçar o Radar naquele período.

J.C. – Mas é isso que eu estou falando. Você vem para a seleção de 1988 e o Eurico, se eu não me engano, era o chefe da delegação, supervisor ou coordenador, não é?

M.F. – É!

J.C. – Ou seja, você vem para os treinamentos, vai para o Torneio experimental da China, retorna para a Itália e perde completamente o contato com o Eurico?

M.F. – Perdi o contato com todo mundo. Até hoje eu penso e não sei o porquê. Me pergunto sobre o que aconteceu naquele período, mas eu não sei...

J.C. – Eu imagino que a convocação de 1991 também tenha sido feita pelo Eurico porque a base continuava sendo o Radar e o Eurico ainda tinha envolvimento com a seleção.

M.F. – Tinha, mas eu não sei o que aconteceu. Como você falou desse esquecimento de uma atleta que nasceu no Brasil, que representou o Brasil, podendo representar o Brasil sempre, jogando fora, eu não entendi ainda, não dá para entender essas coisas, não dá!

S.G. – Deixa eu te perguntar: alguma vez você se manifestou contra algum desses dirigentes? Reclamou algum direito, fez alguma coisa que eles poderiam achar que não era cabível de uma jogadora fazer, tipo assim, brigar por direitos, falar a favor da modalidade?

M.F. – Não, a única coisa que eu falava muito era sobre preconceitos que tinha contra a mulher jogar futebol. Isso eu falava muito, eu não aceitava, eu não aceitava essa história, mas briga assim de discussão com dirigentes ou gente da federação da CBF nunca. Eu tinha um respeito e aceitava também as decisões, mesmo não sendo justas, aceitava as decisões que eles tomavam e tinham situações que não eram justas para mim.

S.G. – Entendi.

J.C. – Lucia, você tem o reconhecimento no país que você escolheu morar, que você transferiu a sua vida e que, de alguma forma, naquele momento você visualizou a oportunidade de sonhar em quem você sonhou: ser jogadora de futebol. O que você espera de reconhecimento do seu país?

M.F. – Reconhecimento do sacrifício que a gente fez no passado, reconhecimento de ter uma homenagem, não sei, uma homenagem, como diz... De ao menos deixar a gente falar, viver, o que a gente fez no passado porque se o futebol feminino é isso que tem hoje, é graças a nós. A gente abriu as portas para tudo isso que tem agora e as pessoas não sabem, as pessoas não sabem quem fez, não sabem o percurso que a gente fez, o caminho... A caminhada que a gente fez para chegar onde está agora e que ainda não tá bom. A gente sabe que não está

bom, vocês sabem muito bem disso no Brasil. E um reconhecimento também do Museu do Futebol, isso era uma coisa que eu queria tanto. Não sei se eu estou lá, e ser reconhecida pelo que eu fui como atleta, como jogadora de futebol, que muita gente não sabe o que eu fazia e o que eu não fazia. São poucas as pessoas interessadas como vocês, como Silvaninha e como a Julinha que eu não conhecia. A Ledinha já conheço, a Márcia já conheço, mas vocês duas pelo trabalho que vocês estão fazendo, que é um trabalho maravilhoso, é um trabalho de descoberta, é um trabalho de reconhecimento, é um trabalho que tem que ter sentimento, tem que ter amor. Vocês têm amor pelo trabalho, senão, não faziam o que vocês estão fazendo pela gente, pelas pioneiras. Eu sigo agora vocês no Facebook e com essa história da Internet eu estou seguindo todo mundo. Agora não tem jeito de você se esconder, mas agora você não pode mais se esconder. E eu vejo o trabalho que vocês fazem e admiro muito isso porque no nosso tempo não tinha nada disso e essas meninas de hoje que parece, não sei, que parece que são já grandes jogadoras, mas não é assim. Eu queria que elas entendessem também que a história do futebol feminino é um percurso feito com muito sacrifício, de muita gente, não só minha, de muita gente, entendeu?

J.C. – Lucia, é uma emoção grande quando você fala do único reconhecimento que você quer, que é que as pessoas reconheçam os sacrifícios que vocês passaram.

M.F. – Que foi grande, um sacrifício grande

J.C. – E eu vou me emocionar, porque a gente tem falado com muitas mulheres e eu acho que a gente não tinha a ideia do que essas mulheres passaram para conquistar o sonho de jogar bola. Eu fui jogadora de futebol, mas eu não passei um terço do que vocês passaram, e eu só consegui ser jogadora de futebol porque vocês abriram as portas, então assim, ouvir a sua história hoje é ver o quanto que as pessoas que cuidam do nosso futebol são ingratas com mulheres como você, que fizeram muito

M.F. – Muito ingratas, muito ingratas mesmo, muito, muito.

J.C. – Eu não sei se a gente é capaz de reparar esse esquecimento na história, mas que a gente tenta fazer isso diariamente. Discutir, procurar vocês conversar com vocês, para vocês perceberem que quem deveria dar o reconhecimento, não dá. E nosso encontro com a Silvana



é isso, porque ela como pesquisadora tem muito conhecimento de uma série de coisas e é admirável ver o sentimento que ela tem quando ela vai falar com vocês. É um negócio que eu não consigo interpretar da importância que ela dá por estar aqui, por buscar aquela pessoa, aquela mulher que fez história. Então, se a gente conseguir retribuir o mínimo que vocês fizeram pela história e nessa construção toda, para gente já está valendo muito a pena fazer tudo isso, e para não me prolongar muito e eu gosto de falar e, às vezes, ultrapasso o limite de fala

M.F. – Pode falar, pode falar

J.C. – Eu confesso que eu joguei com algumas pioneiras e eu nunca tinha ouvido falar do seu nome. Para mim você é um troféu, encontrar uma pessoa tão sumida que não é reconhecida, que poucas pessoas sabem que é Lucia Feitosa, a não ser quem jogou com você, a não ser quem pesquisa futebol. A Silvana te procura há anos e faz um trabalho inspirador, apaixonante... Eu queria sair do futebol de mulheres e agora tudo que eu quero é estar no futebol de mulheres para conhecer essas mulheres que vieram antes de mim. Então, eu queria te fazer a última pergunta, não sei se as meninas ainda tem mais alguma pergunta, mas a gente costuma perguntar se existiu alguma referência como jogadora na sua época. Se você se inspirou em alguma mulher, se você tinha algum exemplo de mulher, de jogadora, que você olhava e pensava: “Nossa, um dia quero ser que nem essa menina” ou “Nossa, olha como essa menina joga bem, se eu jogar um pouco disso...” Enfim, uma referência de mulher que você tenha na sua carreira como atleta?

M.F. – No Brasil?

J.C. – No Brasil, na Itália, onde você tiver essa referência, qualquer lugar

M.F. – Eu tenho referência de uma Denise, era fera essa Denise. Ela era demais, era mulher dentro e fora de campo, era maravilhosa, jogava muito, muito, eu me inspirava muito nela, ela era fera. Hoje parece que ela é mais grande que eu, eu acho que ela tem uns sessenta e cinco anos, mas ela jogava muito, e eu quando cheguei aqui também eu vi essa mulher jogar, e não acredito, aí comecei a me inspirar, mas foi mais difícil tecnicamente porque ela usava muita técnica. Ela era mais veloz e nessa menina me encantou como ela tratava a bola,

entendeu? Era uma coisa que era muito difícil ver e eu me inspirava nela porque ela me transferia alguma coisa, que eu não sei te dizer o que é, só de ver ela jogar, sabe, eu tenho até foto com ela, porque eu era uma admiradora dela mesmo

J.C. – Quem tem que ajudou na Itália, já que você deu a brecha, quem que te ajudou na Itália quando você chegou. Como foi essa adaptação, as jogadoras te aceitaram, como foi isso?

M.F. – Aceitaram. A Antonella Carta para mim ela foi a minha referência, ela foi a minha, como é que fala, uma amiga. Foi tudo, tudo, me ajudou em tudo, porque eu vou falar uma coisa para vocês agora que eu não tinha falado: quando eu vim para a Itália, foi muito difícil porque eu fui para uma cidade pequenininha. Eu estava no Rio de Janeiro, em Copacabana, cheio de balada e tudo mais, e vim para a Itália ficar em um lugar onde tem pouquíssimas pessoas e que às oito da noite não tem ninguém na rua. Eu estava morrendo, eu pensava assim: “Meu Deus do céu, onde que eu estou, gente, onde que eu estou Jesus”. E foi muito difícil para mim no início porque você vive em uma cidade grande como Rio de Janeiro e São Paulo e quando conhece outras cidades... Não foi fácil para mim, foi difícil muito a minha adaptação aqui na Itália, muito difícil. Mas eu tive sorte também que eu encontrei uma brasileira nessa cidadezinha pequenininha e ela me deu uma mão gigante, gigante, porque em três meses eu queria voltar para o Brasil de novo, não queria ficar mais aqui não, queria ir embora.

J.C. – E essa brasileira era jogadora, Lucia?

M.F. – Não, não era jogadora. Era uma brasileira que era tinha casado com um italiano que vivia ali nessa cidadezinha onde eu vivia, e foi ela, graças a ela e a Antonella Carta que eu continuei porque senão eu ia voltar para o Brasil. Foi muito difícil a adaptação, alimentação, clima, tudo foi difícil no início, tudo. Por três meses que eu chorava, chorava que eu queria ir embora, que eu não queria ficar aqui, que não foi fácil conseguir interagir com as pessoas, que eu não sabia falar, que eu não entendi, foi muito difícil gente. Estou falando para vocês que foi difícil mesmo, mas na minha cabeça dizia: “Jesus, eu vim para cá para a Itália é porque eles me quiseram, se eles me quiseram eu também tenho condições de resolver esse fato”. De entender as pessoas, para conversar e aí foi que eu achei essa brasileira, encontrei com essa brasileira que nessa época morava lá e ela me ajudou muito e foi aí que eu comecei

a me adaptar melhor porque sabia que tinha uma brasileira que eu podia ir na casa dela conversar, falar em português as coisas que eu não sabia, que não entendia o que era. Eu perguntava para ela e ela me ensinava, foi um percurso que eu fiz com essa brasileira que se chamava Júlia<sup>40</sup>, foi ela que realmente me ajudou a ficar na Itália. E Antonella Carta, porque eu morava com a Antonella, quando eu vim pra cá, nós moramos juntas lá ela é aqui da Sardenha, onde eu moro, agora. Foi ela também que me deu uma mão, me ajudou muitíssimo com tudo, a alimentação daqui eu não aguentava, faltava meu arroz e feijão, minha farofa, meus torresmos, me faltava tudo. Meu Deus, começou macarrão, macarrão, eu estava ficando doida, não aguentava mais, aí comecei a me adaptar e foi tudo um percurso muito difícil em aceitar toda aquela situação, mas eu botava na minha cabeça: “Se eu vim para cá é porque as minhas características... A grande possibilidade de mostrar, então, tem que fazer também esse lado aí. Mas não foi fácil gente, não foi fácil.

J.C. – Quanto tempo você teve para aprender o idioma, Lucia

M.F. – Foi difícil, eu fiz um curso, depois a associação viu que eu estava com muita dificuldade e me pagaram um curso. Eu fiz um curso de três meses, rápido, e conhecendo essa brasileira, fazendo esse curso de três meses... É, foi três meses que eu fiz, fiz esse curso de três meses, com essa brasileira que eu encontrei foi mais fácil conseguir me adaptar com o italiano o que dificulta muito... A dificuldade maior são os verbos, é a gramática, muito difícil em qualquer língua, a gramática, se você não aprender ela é muito difícil você aprender a falar, sabe, para saber comunicar, entendeu. Aí eu tive essa oportunidade de fazer esse curso, e consegui, sabe, devagarzinho, a subir as escadas, bem devagarzinho, mas consegui, Graças a Deus.

J.C. – Quanto tempo tem que você não vem para o Brasil?

M.F. – Eu vou para o Brasil todos os anos, eu não posso ficar sem ver minha família.

S.G. – Não acredito

---

<sup>40</sup> Nome sujeito a confirmação.

M.F. – Eu vou para o Brasil todos os anos. Eu comprei casa em Natal e todas as quatro estão convidadas a vir na minha casa

J.C. – Quanto tempo você fica no Brasil, Lucia, geralmente você vem final de novembro e fica quanto tempo?

M.F. – Geralmente volto início de janeiro. Venho passar as férias em novembro ou dezembro.

J.C. – Então é mais de um mês?

M.F. – É, são uns trinta, trinta e cinco dias, mais ou menos que eu fico no Brasil. Silvaninha eu queria fazer uma pergunta para você, uma coisa que eu tenho muita vontade de saber. Eu estou no Museu do Futebol?

S.G. – Ainda não, mas vai estar!

M.F. – Não é possível gente, eu não acredito em uma coisa dessas.

J.C. – No Museu do Futebol está só o teu nome por ter jogado. No Museu da CBF não, porque o Museu da CBF não tem nada sobre as mulheres. Mas uma coisa a gente quer te dizer: a gente vai fazer tudo que for possível para que você seja reconhecida no seu país. Agora que a fantasminha apareceu... A gente não tinha contato contigo e agora que te encontramos e temos conversado, quero te dar essa tranquilidade de que, do nosso ponto de vista assim, esse grupo, fazer tudo para que isso aconteça.

M.F. – Meu coração está aberto pra vocês, não tem nenhum problema. Juliana, em que posição você jogava? Eu não lhe conheço jogando.

J.C. – Eu comecei como meia e parei como zagueira, por pouco não virei gandula [risos]

M.F. – Não acredito que você jogou na seleção em Mundial e Olimpíada.

M.T. – Sim, ela foi medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, vice-campeã no Mundial da China em 2007 e terceira colocação no Mundial dos Estados Unidos em 1999.em 2007

M.F. – Olha minha filha, você não foi gandula não, como pode ser

J.C. – Você foi meia ou volante, Lucia?

M.F. – Eu jogava de meia lá no Radar e, às vezes, quando faltava qualquer lateral, jogava de lateral. Eu me adaptava em todos os rolos...

J.C. – Mas o número da camisa era o cinco, não era?

M.F. – Às vezes eu jogava com a cinco, às vezes a oito, com a dez, jogava com a vinte, dependia. Não tinha uma camisa na época. Eu preciso contar uma coisa legal que me aconteceu no Radar, em 1983... Eu tive também um grande sonho na minha vida que eu realizei que era jogar no Maracanã<sup>41</sup>. Eu joguei no Maracanã com cento e dez mil pessoas, a gente fez a preliminar do Flamengo<sup>42</sup> e Vasco<sup>43</sup> na final do Campeonato de 1983 ou 1982, não ao certo o ano. Gente, vou falar para vocês a emoção que eu senti aquele dia, eu olhava e pensava: “Onde é que eu estou Jesus!” Aquela sonho eu nunca mais esqueci na minha vida, nunca vou esquecer porque foi uma emoção grande demais e eu senti que provei na época, porque era uma coisa que eu sempre queria fazer. E fiz e consegui fazer também, realizar esse sonho

J.C. – Você guarda alguma camisa da seleção?

M.F. – Dei tudo, não tenho nada da seleção. Dei tudo, a única coisa que eu tenho é uma camisa azul, é de treino, então, é a única que eu tenho daquele período, porque as outras eu troquei e não ficou nenhuma comigo. Essa é a única que ficou dos treinos da CBF, da seleção e é de 1988.

---

<sup>41</sup> Estádio Jornalista Mário Filho, no Rio de Janeiro.

<sup>42</sup> Clube de Regatas do Flamengo.

<sup>43</sup> Club de Regatas Vasco da Gama.

J.C. – Lucia, foi um prazer enorme te conhecer e conversar contigo essa noite. Muito obrigada mesmo por contar tua história, estou muito emocionada.

M.F. – Obrigada linda

S.G. – Querida, muito obrigada. Estou emocionadíssima. Há anos te procuro e como já disse, eu até hoje te chamava de fantasma porque tinha sumido. Agora está aqui, conosco e com todo esse jeito amoroso conversou com a gente e partilhou tua vida. Não há palavras para dizer o quanto isso é significativo.

M.F. – Obrigada, Silvaninha. Vou te chamar de assim: Silvaninha. Você é dez, você é maravilhosa, realmente de valor, realmente que sabe do seu trabalho, uma pessoa para admirar pelo o que está fazendo agora pela gente. Isso não tem preço, gratidão, gratidão, gratidão!

S.G. – Eu que agradeço a oportunidade de estar com vocês.

L.A. – Obrigada por aceitar fazer parte desse nosso projeto. Para mim é uma honra gigantesca te reencontrar depois de todo esse tempo. É uma ter vivido na tua época, ter jogado junto com você, só tenho admiração e o reconhecimento por você ter sido a primeira mulher a jogar fora, ter enfrentado tantas barreiras, com muita bravura, com muita determinação e admiração. O meu respeito por você é gigante cara, gigante, obrigada!

M.T. – Lucia, muito obrigada pela noite de hoje. Foi maravilhosa. Que honra!

M.F. – Tafarel, eu sempre te admirei. Tei jeito de ser, sempre tentando ajudar todo mundo. Do pouco que convivi contigo, aprendi a te respeitar. Foi muito bem te rever. Bom, aqui na Itália já é meia noite. Boa noite para vocês. Foi um prazer falar com vocês, estou feliz demais, demais, nem parece ser verdade, parece um sonho!

S.G. – Sonhamos juntas, então. Boa noite, obrigada e descansa.

[FINAL DA ENTREVISTA]